



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Comunicação, alteridade e circulação de sentidos entre a produção e o consumo, nas pesquisas dos antropólogos Sarah Bohannan e Clifford Geertz e do teórico cultural Stuart Hall<sup>1</sup>**

**Roberta Brandalise<sup>2</sup>**

**Faculdade Cásper Líbero**

### **Resumo**

Estudamos como as estratégias teórico-metodológicas propostas pelos antropólogos Sarah Bohannan e Clifford Geertz são férteis para as pesquisas de Comunicação, especificamente, na construção de conhecimento sobre os processos de comunicação em relação a alteridade e a circulação de sentidos entre a produção e o consumo. Para tanto, demonstramos as aproximações entre essas abordagens e as da comunicação na contemporaneidade, enriquecida pelos diálogos com outras perspectivas, em especial, a do teórico cultural Stuart Hall. Analisamos como o caso de Cohen e os carneiros (Geertz), o da leitura de *Hamlet* junto aos Tiv (Bohannan) e o da indicação do juiz Clarence Thomas à Suprema Corte dos EUA (Hall) articulam-se conceitualmente e metodologicamente de forma semelhante. Identificamos como a Comunicação oferece, tal como a Antropologia Cultural e os Estudos Culturais, e, inclusive, com a contribuição destes saberes, conhecimento e problematização sobre a materialidade sociocultural.

**Palavras-chave:** Comunicação; Antropologia; Estudos Culturais; Epistemologia; Metodologia.

### **O caso de Cohen e os carneiros e o clássico *Shakespeare in the bush*, ou do método etnográfico e da interpretação das culturas para pesquisar comunicação intra e inter cultural**

Clifford Geertz (1978, p. 13-41) expõe que o método etnográfico, a própria ação de “descrição densa” das culturas, permite fixar o fluxo do discurso social em uma “forma inspecionável” (Geertz, 1978, p. 29). Este registro é necessário para desenvolver o processo interpretativo das culturas porque permite a percepção de uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (Geertz, 1978, p. 17) e a análise de sua “base social” e “importância” (Geertz, 1978, p. 19). Em realidades sociais caracterizadas pela diversidade cultural, ele evidencia que “o significado

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Jornalista formada pela UFSM; mestre e doutora em Ciências da Comunicação formada pela ECA/USP. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero. E-mail: robertabrandaliserb@gmail.com



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

varia de acordo com o padrão de vida através do qual ele é informado” (Geertz, 1978, p. 24). Essas proposições fazem de Geertz um pesquisador basilar para pensar os processos de comunicação, uma vez que na área da Comunicação nos defrontamos com o estudo da instituição social de sentidos, da produção ao consumo, ao longo da história, em contextos socioculturais diversos, dos mais simples aos mais complexos, com ou sem mediação tecnológica.

O caso de Cohen e os carneiros – um evento ocorrido em 1912, no Marrocos – é exemplar para compreender como a estratégia teórico-metodológica de Geertz é um saber fértil para o campo da Comunicação, e dialoga com o repertório da análise do discurso e dos estudos culturais, referências que já foram incorporadas como clássicos nos estudos de comunicação contemporâneos. O caso narrado por Geertz foi contado a ele por um de seus “informantes”, jargão da Antropologia para se referir àqueles que de alguma forma contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa, facilitando ou intermediando a imersão do cientista na pesquisa de campo. A ideia de contar, ou de relato, é fundamental para compreendermos o processo de elaboração e circulação de sentidos nos processos de comunicação, que estão plasmados aos processos culturais estudados por Geertz.

Na narrativa é possível identificar três grupos étnicos, os berberes, os judeus e os franceses, participando da sociedade marroquina e vivendo na região aos arredores da “área de Marmusha”. Na época, o Marrocos acabara de tornar-se um Protetorado Francês, encontrando-se portanto sob o domínio político e econômico desse grupo étnico europeu que tinha chegado recentemente à região. Com isso, era possível observar na comunicação intercultural cotidiana o contraste entre as tradições culturais locais que alicerçavam as regras da vida em sociedade e as tradições culturais dos franceses, que trouxeram suas próprias noções de como deve dar-se a vida em sociedade.

Cohen é um judeu que falava berbere fluentemente e que teve sua loja saqueada por uma tribo de berberes que ainda não havia se submetido aos franceses. De acordo com a cultura local, uma situação como essa deveria ser resolvida fazendo uso das regras sociais estabelecidas pelo *Mezrag* (que é um pacto comercial), segundo o qual aquele que é roubado deve ser ressarcido pelo prejuízo. Por isso, Cohen queria ser indenizado, ou seja, ele queria cobrar o seu *ar*, que é como se chamava a indenização que deveria corresponder a quatro ou cinco vezes o valor do que lhe foi roubado. Os franceses que agora dominavam a região haviam proibido o *Mezrag*. Entretanto, eles não tinham como garantir a segurança de todos no lugar e esse era um dos motivos pelos quais o *Mezrag* seguia sendo cultivado.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Como a tribo que o havia roubado estava em “rebelião aberta” contra os europeus, Cohen dirigiu-se a uma das autoridades francesas, o Capitão Dumari, a fim de pedir autorização para cobrar sua indenização, no que o xeque tribal Marmusha (que seria o seu “portador-*mezrag*”) o ajudaria. O francês acabou autorizando verbalmente a empreitada sem responsabilizar-se pelas consequências. Assim, Cohen, o xeque Marmusha e um grupo armado capturaram um pastor da tribo dos ladrões e roubaram seus rebanhos. Inicialmente os berberes pretenderam revidar o ataque, entretanto, pelo fato de as tradições culturais locais serem conhecidas e em alguma medida partilhadas entre os grupos étnicos que se encontravam naquela situação, além do fato de os berberes não quererem entrar em guerra com os Marmushas, ao invés de guerra, houve uma parlamentação. Os berberes não podiam negar que houve o roubo e até a morte de dois judeus durante o saque. Então, decidiram ressarcir Cohen com quinhentos carneiros que ele mesmo escolheu no rebanho.

Quando Cohen retornou com o rebanho e contou o que se passara aos franceses, foi acusado por eles de ser um espião berbere. Por isso foi preso e teve seu rebanho confiscado. Com isso depreendemos que de acordo com a cultura local não lhe foi feita justiça (porque ele ficou sem sua indenização) e a cultura europeia ainda cometeu para com ele uma injustiça – ele foi preso como espião porque os franceses, ao apropriarem-se da narrativa de Cohen, não se situaram na cultura local para entender a lógica do *Mezrag*; sendo assim, para os franceses, o fato de Cohen ter voltado com tantos carneiros de um encontro com os berberes só fazia sentido se ele fosse um amigo de seus inimigos.

A narrativa que descreve a interação social entre os três grupos étnicos, por meio da particularidade de uma história de vida, é utilizada por Geertz para caracterizar a diversidade cultural daquela realidade e para apontar que “as descrições das culturas berbere, judaica ou francesa” (Geertz, 1978, p. 25) precisam ser entendidas “em termos das construções que imaginamos que os berberes, os franceses ou os judeus colocam através da vida que levam” (Geertz, 1978, p. 25), ou seja, ele está nos falando sobre a necessidade de “situar-nos” nas diferentes culturas porque elas são contextos, “algo dentro do qual” os “signos interpretáveis” podem ser “descritos de forma inteligível”.

Embora os franceses tivessem chegado recentemente à região, por meio do poder político e econômico eles logo procuraram imprimir seu estilo de vida aos “nativos”, que por sua vez não deixaram desaparecer os diversos aspectos da cultura local, como a tradição do *Mezrag* – algo que



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Claude Lévi-Strauss (1970) identificaria como solução original apresentada por uma cultura para resolver um problema. Ocorre que a partir da lógica da cultura europeia o feito de Cohen – de conseguir o ressarcimento por sua perda da própria tribo que o roubou – não pôde ser compreendido segundo o sentido em que foi narrado. Para eles, o razoável era atribuir à Cohen o papel de espião dos berberes, por ele ter voltado com tantos carneiros de um encontro com os inimigos dos franceses. O etnocentrismo dos franceses não permitiu que eles se colocassem no lugar do outro, não se situando na cultura local para atribuir sentido ao que viam. Para eles, as regras da vida social estão alicerçadas em outros valores, de acordo com os quais não é possível que uma pessoa roubada seja ressarcida pelos próprios ladrões.

O próprio autor aponta que “a partir desse simples incidente, pode chegar-se a complexidades enormes de experiência social” (Geertz, 1978, p. 29). Assim como a Antropologia Cultural pode, de acordo com Geertz, recortar esse incidente como objeto de estudo a partir de diversos aspectos, a Comunicação pode debruçar-se sobre as dimensões comunicacionais da situação intercultural fixada na narrativa. Nesse sentido, a Comunicação pode beneficiar-se da estratégia teórico-metodológica proposta por Geertz, e considerar ainda as articulações de sentido ligadas, inclusive, à historicidade e às esferas de poder em disputa no caso do fenômeno sociocultural relatado.

A Comunicação estuda a instituição de sentidos que circulam, da produção ao consumo, em narrativas mediadas ou não por tecnologias, assim como, nas apropriações e usos de outros objetos ou fenômenos, considerando as diversas dinâmicas socioculturais e políticas que participam dos processos de comunicação. Das disputas pela hegemonia no âmbito intra e inter cultural, numa abordagem gramsciana e dos estudos sobre mediações e recepção latino-americanos, às identificações e diferenciações culturais no sentido de pertença, numa abordagem dos estudos culturais britânicos, aos mecanismos de distinção social no sentido de valor como capital simbólico, numa abordagem bourdieusiana. Portanto, assim como na proposta de Geertz, os comunicadores precisam atentar para a maneira como os significados variam de acordo com o padrão de vida por meio do qual eles são informados. Ou seja, os comunicadores precisam se “situar” de acordo com o que a amostra descreve e reconhece como relevante, a fim de possibilitar a identificação das diversas apropriações e usos das narrativas ou outro objeto cultural analisado em sua dimensão comunicacional.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Destacamos ainda a observação do autor sobre o fato de que “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem” (Geertz, 1978, p. 19). Considerando as especificidades da relação sujeito-objeto, assim como na Antropologia Cultural, nas pesquisas em Comunicação precisamos analisar, então, como a mensagem proposta, com ou sem a mediação tecnológica, se insere nos mais variados contextos, considerando os sentidos que são reelaborados e atribuídos a esse material pela amostra.

Nesse sentido, outro estudo exemplar é o caso da leitura de *Hamlet*, de Shakespeare, em um contexto cultural diferente do que pode ser considerado hegemônico, como o da Europa, por exemplo. É o caso da pesquisa realizada pela antropóloga, Laura Bohannan (1968, p. 477-486), relatada sob o título *Shakespeare in the bush*. Enquanto realizava seu trabalho de campo, entre 1949 e 1953, estudando a cultura dos Tiv, um povo que vive na África Ocidental, ela teve a oportunidade de ler para eles uma das obras de Shakespeare, *Hamlet*. Essa obra revela vários elementos da cultura europeia que são bastante contrastivos em relação à cultura dos Tiv, e essas diferenças se mostraram absolutamente relevantes na maneira como eles se apropriaram da obra. Destacamos, por exemplo, o fato de que na cultura europeia representada em Shakespeare a vida após a morte é concebível, bem como a possibilidade de ocorrerem aparições de fantasmas querendo comunicar-se com o mundo dos vivos – como é o caso da passagem inicial da obra quando o pai de *Hamlet* aparece depois de morto, e posteriormente, quando ele se comunica com *Hamlet*. Na cultura dos Tiv, a vida após a morte é inconcebível. Então, para eles, o que os personagens da obra viram foi um “presságio enviado por um feiticeiro” e ainda, de acordo com sua cultura, presságios não podiam falar.

Na narrativa, quando o falecido rei aparece pela primeira vez, seu filho Hamlet é comunicado do ocorrido. Para os Tiv, era para o caso ter sido relatado aos chefes e anciões, em especial para o irmão mais velho do chefe falecido. Isso porque, uma vez que em sua cultura a liderança é baseada na idade e na influência, para eles os mais velhos saberiam o que fazer diante da situação ou como interpretar o “presságio”, não se tratando portanto de um caso a ser levado para um jovem, mesmo ele sendo filho do falecido.

Ocorre que no caso de *Hamlet*, Cláudio, o irmão mais velho do rei morto, é justamente o responsável pela sua morte. E mesmo sem sabermos disso até certa altura da narrativa, de acordo com a cultura europeia retratada na obra, só o fato de ele ter se casado com a viúva de seu irmão, Gertrudes, menos de um mês após o ocorrido, já é motivo de desconfiança. Ou seja, como o costume



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

européu exigia pelo menos “dois anos de luto” antes que a viúva se casasse novamente, a conduta de Cláudio e Gertrudes já é apresentada na narrativa como inadequada, até porque estava em jogo a herança do trono, que iria para Hamlet se a rainha não tivesse contraído matrimônio e agora se encontrava nas mãos de Cláudio. Já para os Tiv, é costume uma viúva casar-se com o irmão do falecido, se eles tivessem sido irmãos por parte de pai e mãe. Além disso, para eles dois anos de luto era tempo demais porque a mulher precisaria ter alguém que preparasse seus campos e executasse diversas outras tarefas que cabem ao homem, quanto mais a um líder. Sendo assim, os Tiv consideraram a conduta de Cláudio e Gertrudes muito sensata.

Destacamos esses aspectos, entre tantos expostos no trabalho de Bohannan, para apontar que ao se apropriarem da narrativa shakespereana contada a eles pela antropóloga, os Tiv interpretaram-na a partir de sua própria cultura. Eles atribuíram a *Hamlet* os sentidos que circulam em seu contexto, escutando a história a partir de sua cultura, recontaram-na, imprimindo a ela a visão de mundo de seu povo. E, por mais que a pesquisadora conhecesse as particularidades da cultura dos Tiv, não esperava que a interpretação que eles fariam de *Hamlet* divergisse daquela que ela considerava como “universalmente válida”.

Com isso, entendemos que tal como no caso retratado por Geertz, nesse episódio estudado por Bohannan também é possível observar situações que implicam questões relacionadas à comunicação intercultural: cenários em que ocorre o contato entre diferentes culturas e nos quais o pesquisador tem que considerar que os discursos que ele apreende devem ser analisados considerando-se essa diversidade. No caso de Cohen e os carneiros, os franceses atribuíram sentido para os fatos que lhes foram apresentados a partir sua própria cultura, na qual algo como o *Mezrag* não era concebível. No caso dos Tiv, a comunicação intercultural ocorre com a mediação de uma obra literária. Ao se apropriarem dessa narrativa que representa uma cultura diferente da deles, os Tiv também atribuíram sentido a ela a partir de sua própria cultura.

O caso de Cohen e os carneiros, estudado por Geertz, e o caso da leitura de Shakespeare junto aos Tiv, estudado por Bohannan, demonstram situações nas quais o objeto de estudo pesquisado pelos antropólogos está delineado em outra cultura que não a sua própria. A partir disso, consideramos que é preciso contextualizar que os processos de comunicação humana mediados por tecnologias ou não, das sociedades simples às complexas, em algum grau e medida, integraram os objetos de pesquisas teóricas e empíricas na Antropologia.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

É válido pontuarmos que a perspectiva antropológica contribui para o campo da Comunicação, em convergência com outras que investigam os processos de elaboração e reelaboração de sentidos, das disputas implicadas neles aos acordos propostos, negociados ou impostos. São ricas para a Comunicação diferentes abordagens sobre a tessitura de signos e a sua dimensão política, as diversas epistemologias sobre texto, discurso e representação e como configuram a episteme de cada conjuntura sociocultural e histórica. Destacam-se em Comunicação, por exemplo, entre outras, as perspectivas bakhtiniana e foucaultiana, a análise do discurso francesa, a semiótica peirceana, a semiologia saussureana e a abordagem lotmaniana, da semiótica da cultura ou da semiótica russa da Escola de Tártu-Moscou.

Algumas das contribuições da Antropologia Cultural para o campo da Comunicação têm a ver com o uso de metodologias qualitativas e descritivas que procuram considerar como se dão os processos de significação a partir de cada contexto cultural, tal como demonstramos com a apresentação da abordagem de Geertz e Bohannan em pesquisas de campo. Por sua vez, essas metodologias qualitativas e descritivas estão relacionadas com uma contribuição teórica, a concepção contemporânea sobre as culturas, que pode ser apresentada em parte na definição do próprio Clifford Geertz (1978, p. 15):

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Evidentemente, essa definição, que parece se aproximar mais diretamente da escola de semiótica russa, não comporta todos os aspectos que envolvem os estudos sobre as culturas, como sua dimensão política traduzida em ideologias e as tensões e conflitos decorrentes disso. Nesse sentido, de toda a forma, é válido pontuar que o próprio Geertz afirma que é por meio da “ação social (...) que as formas culturais encontram articulação” (1978, p. 27) e também que a análise cultural não pode perder de vista o “contacto com as superfícies duras da vida – com as realidades estratificadoras políticas e econômicas, dentro das quais os homens são reprimidos em todos os lugares – e com as necessidades biológicas e físicas sobre as quais repousam essas superfícies” (Geertz, 1978, p. 40). Assim, apesar da abordagem weberiana marcante em sua definição, depreendemos que Geertz não quer eliminar a dimensão conflitiva da política na interpretação das



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

culturas, afinal, ele mesmo propõe que o estudo das culturas precisa “treinar” suas análises em relação a essas realidades. Uma vez considerados esses aspectos, essa definição torna-se chave para imergirmos no que consideramos ser em alguma medida a cultura do outro e procurarmos compreender a partir dela como se dão os processos de significação, inclusive as apropriações e usos dos meios de comunicação de massa – seja em outras sociedades que não a nossa ou no interior de nossa própria sociedade.

### **Das pesquisas de Geertz e Bohannan aos estudos de Hall, e a relevância da alteridade e da circulação de sentidos entre a produção e o consumo nos processos de comunicação, das sociedades simples às complexas**

A fim de nos aprofundarmos acerca dessas contribuições que podem ser percebidas no campo da Comunicação de modo mais ou menos pronunciado, a partir de apropriações diretas ou por meio de outras correntes teóricas convergentes, como os próprios Estudos Culturais que enfatizamos nessa análise pela aproximação teórico-metodológica mais ampla com o reservatório das pesquisas antropológicas, é preciso dizer que a concepção contemporânea das culturas, e mesmo o desenvolvimento de metodologias de pesquisa relacionadas a ela, se devem aos esforços constantes da Antropologia para estudar a diversidade cultural, um tema central para compreendermos as dimensões comunicacionais da heterogeneidade e da complexidade da realidade contemporânea.

Da contribuição feita pelos Estudos Culturais Britânicos para os estudos de Comunicação, em convergência com as contribuições da Antropologia, destacamos principalmente os trabalhos em que Stuart Hall demonstra como se articulam as identidades culturais na contemporaneidade e como elas medeiam os processos de significação, tornando-se bastante relevantes nos mais diversos processos culturais, sociais e de comunicação. Quando Stuart Hall (1999, p. 18-21) descreve o caso da indicação de Clarence Thomas para a vaga de juiz da Suprema Corte americana, considerando que ele é negro, que suas posições políticas são conservadoras e que, ao longo do processo de indicação pelo presidente americano, ele foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra (Anita Hill), o pesquisador dos Estudos Culturais Britânicos mostra como se articula o jogo das identidades culturais a partir dessa situação:

Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que frequentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas com base na questão sexual. E, uma vez que o juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna, estavam em jogo nesses argumentos, também questões de classe social.

Compreendemos que, assim como na situação apresentada por Geertz estavam em jogo as identidades dos judeus, dos berberes e dos franceses, e na de Bohannan, as dos Tiv e dos europeus, no caso retratado por Hall ele mostra como as diversas identidades culturais participam de nossos processos de significação na complexidade social e na heterogeneidade cultural contemporânea. Hall evidencia que, ao nos posicionarmos e agirmos nos mais diversos tipos de situação, nossas noções de pertencimento são acionadas, podendo uma sobrepor-se à outra, e embora as identidades culturais não determinem a ação social, elas medeiam nossos processos de significação. De forma semelhante, nos Estudos Culturais e na Antropologia o conceito de identidade é comumente utilizado enfatizando-se os entornos culturais e sociais do indivíduo e os mecanismos de socialização e aquisição cultural.

De acordo com Byron (1996, p. 292), os indivíduos definem a si mesmos ou são definidos pelos outros em termos de pertencimento, de modo que as características comuns que os indivíduos reconhecem uns nos outros constituem uma fonte de conhecimento, um senso de pertencimento e participam inclusive da construção da autoestima. De forma semelhante ao uso que Hall (1999, p. 8) faz do conceito – quando aponta que as identidades culturais surgem do “nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” –, em Antropologia o termo pode ser utilizado por “grupos, categorias, instituições, famílias, comunidades, classes, nações e etnias” (Byron, 1996, p. 292).

De acordo com Fredrik Barth (1998), as identidades estão associadas a valores que servem como critérios para avaliar ou negar a presença de semelhanças e diferenças entre “nós” e “eles”, de modo que, tal como compreendemos, é o processo de “codificação das diferenças culturais” que tornam as identidades diferenciais pertinentes. De acordo com Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998, p. 123-124), ao estudarmos as identidades é preciso atentar para quando

(...) o Nós constrói-se em oposição ao Eles (...). Este aspecto relacional é fundamental nas teorias interacionistas, mas também é afirmado nas



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

abordagens mobilizacionistas em razão da importância central que elas atribuem à competição e ao conflito étnico (...). Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre grupos por meio de símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders* (...). O aspecto relacional das identidades étnicas implica igualmente que a identidade étnica só pode existir como ‘representação forçosamente *consciente* em um campo semântico onde funcionam *sistemas de oposição*’ (...).

Os autores reiteram ainda que no estudo das identidades não interessam as “diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação entre *in-group* e *out-group*” (Poutignat e Streiff-Fenart, p. 129). Ou seja, tal como compreendemos, é relevante observar o discurso da amostra, a fim de identificar a que grupo os entrevistados se sentem pertencer e quais aspectos eles elegem como importantes para estabelecer as relações de identidade e alteridade na vida social e cultural, considerando que essas comparações também têm a ver com o “sistema de relações sociais tal como ele se estabelece pela alocação dos papéis e dos estatutos” (Poutignat e Streiff-Fenart, p. 131), e que as identidades não são categorias estáticas.

Assim como entendemos que compreender a dinâmica das identidades culturais é fundamental para os estudos dos processos de comunicação e que essas reflexões sobre as identidades colocam a comunicação como um conceito chave para a compreensão do jogo identitário, principalmente em contextos caracterizados pelas relações interculturais. De modo que, para estudar o papel da comunicação na articulação das identidades culturais nos mais variados contextos, consideramos que é preciso observar como a amostra constrói e reconstrói a noção de “nós” e “eles”, “os de dentro” e “os de fora”, e assim por diante.

Entendemos que para estabelecer relações de identidade, também definimos relações de alteridade. Nesse sentido, é relevante expor o comentário de Geertz (2001, p. 219) sobre como mesmo na realidade contemporânea que se caracteriza por intensos processos de comunicação intercultural, e diante de um aparente processo de homogeneização cultural, acabamos reforçando o que nos distingue culturalmente, tornando central a compreensão dos processos identitários:

Seja o que for que define a identidade no capitalismo sem fronteiras e na aldeia global, não se trata de acordos profundos sobre questões profundas, porém de algo mais parecido com a recorrência de divisões conhecidas, argumentos persistentes ou



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ameaças permanentes, e com a ideia de que, haja o que houver, de algum modo é preciso manter a ordem da diferença.

Nesse texto, Geertz não só mantém uma visão crítica em relação aos etnocentrismos e às diversas formas de domínio de uma cultura sobre a outra, mas também sublinha a importância da preservação de diferenças culturais para a espécie humana, de modo convergente com o que Lévi-Strauss nos explica sobre a diversidade cultural e a importância da alteridade, ainda em *Raça e História* (1970, p. 231-269). No texto, ao expor o que entende como culturas diferentes, Lévi-Strauss (1970, p. 234) diz que nas sociedades humanas há forças que trabalham em “direções opostas”, umas tendendo à “manutenção e mesmo ao aguçamento dos particularismos”, enquanto outras agem no sentido da “convergência e afinidade” entre as culturas. Ele aponta que o estudo da linguagem oferece exemplos: línguas de mesma origem tendem a diferenciar-se entre si, e línguas de origens diversas, porém faladas em territórios vizinhos, desenvolvem características comuns. Com isso, entre outros exemplos que apresenta em sua obra, Lévi-Strauss (1970, p. 235) aponta, atentando para diferentes sociedades, que o problema da diversidade cultural não se coloca só “a propósito das culturas estudadas em suas relações recíprocas”, mas que ele “existe também no seio de cada sociedade” porque “ao lado das diferenças causadas pelo isolamento, há aquelas igualmente importantes, devidas à proximidade”.

Lévi-Strauss (1970, p. 236) entende, sobretudo, que a diversidade das culturas é “um fenômeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas das sociedades”. Entretanto, ele aponta que recusar-se a reconhecer essa diversidade repudiando as “formas culturais – morais, religiosas, sociais, estéticas – mais afastadas daquelas com que nos identificamos” é uma atitude antiga e que se apresentou de diversas formas na história da humanidade, tal como já vimos anteriormente. Retomamos essas questões porque, além disso, Lévi-Strauss (1970, p. 238) atesta que, por outro lado, “a simples proclamação da igualdade natural entre os homens e da fraternidade contém algo de enganoso pois põe de lado uma diversidade de fato”. Ou seja, conforme depreendemos a partir de seu texto, ele nos diz que não existe diferença qualitativa entre as diversas culturas e raças, e que somos todos iguais no sentido de que não é possível imputar um valor superior ou inferior aos diversos povos; entretanto, afirmar isso de modo simplista pode levar à negação da diversidade cultural da espécie humana, que é, por sua vez, inegável e até necessária.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Esse posicionamento é especialmente relevante porque Lévi-Strauss, nesse texto (1970, p. 231-269), além de refutar a ideologia da civilização *versus* barbárie, se opor ao racismo e desconstruir as bases nas quais o evolucionismo cultural se desenvolveu, argumentando que a história de todas as culturas é cumulativa, tal como já vimos, também aponta que “Não há (...) uma civilização mundial no sentido absoluto, já que a civilização implica a coexistência de culturas que ofereçam entre si o máximo de diversidade, e consiste mesmo nessa própria coexistência” (1970, p. 265).

Ocorre que, conforme ele demonstra (Lévi-Strauss, 1970, p. 266), o próprio “progresso cultural” da história da humanidade – muitas vezes atribuído ao gênio de uma raça, ou considerado mérito de uma cultura e não de outra –, na verdade se deve “à coalização entre culturas”, que pode se dar de maneira “consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária, intencional ou acidental, natural ou forçada”, o que torna inclusive “absurda a ideia de cultura superior”, uma vez que as diversas culturas combinam esforços voluntária ou involuntariamente por meio de migrações, empréstimos, trocas comerciais, guerras, etc. Interessante é que ele aponta que essa coalização é mais fecunda quando se estabelece entre culturas mais diversificadas. Para Lévi-Strauss (1970, p. 265), portanto, “a verdadeira contribuição das culturas não consiste na lista de suas invenções particulares, mas no *afastamento diferencial* que elas apresentam entre si”, daí a necessidade inclusive de se preservar em alguma medida a diversidade cultural da espécie humana, até porque o próprio progresso que a coalização entre diferentes culturas colaborou para criar pode levar à homogeneização.

Incorporamos essas reflexões com o intuito de apontar que as identidades culturais que medeiam os processos de significação são plurais e se articulam sobrepondo-se umas às outras de modo situacional. Além disso, ao estudar as identidades culturais é preciso atentar para o paradoxo anunciado ainda por Lévi-Strauss (1970) sobre a potencial homogeneização cultural que pode advir da inevitável e necessária comunicação intercultural. Diante dessa constatação, Lévi-Strauss (1970) aponta a necessidade de se preservar a diversidade cultural porque é justamente o que distingue uma cultura da outra que torna a comunicação intercultural fértil a ponto de contribuir decisivamente para o “progresso” de toda a espécie humana. Isso é especialmente relevante diante da afirmação de Geertz, convergente com a perspectiva de Hall, de que na contemporaneidade, mesmo com os intensos processos de comunicação intercultural, as identidades diferenciais tendem à reafirmação.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Dos Estudos Culturais Britânicos, destacamos ainda outra relevante contribuição de Stuart Hall para o campo da Comunicação. Hall (2006, p. 333-362) demonstrou que os modelos de análise dominantes nesse campo não davam conta dos objetos de estudo da área quando, ainda em 1980, escreveu um artigo sobre os processos de codificação e decodificação que envolvem os processos de comunicação mediados pelos meios de comunicação de massa. Nele, Hall estabelece relevantes críticas aos estudos de Comunicação e traz contribuições que fizeram desse texto um marco teórico para o campo, sobretudo porque a partir dele começa a se desenvolver uma concepção contemporânea dos processos de recepção na área. Hall (2006, p. 334) se posicionou

(...) contra uma certa unilinearidade implícita nesse último modelo, seu fluxo unidirecional, isto é, o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe. (...) Ora, você percebe que a implicação desse modelo é que toda a comunicação é uma comunicação perfeita? A única distorção nela é que o receptor pode não estar em condições de captar a mensagem que deveria captar. Mas se ele ou ela fosse inteligente e alerta o suficiente, obviamente não existiria nenhum problema com o significado. O significado é perfeitamente transparente: ele é uma mensagem que o receptor pode ou não entender. O comunicador quer transmitir a mensagem, então quer saber quais são os obstáculos para a perfeita transmissão do sentido.

Tal como compreendemos, esse modelo de análise não dá conta da complexidade e da heterogeneidade envolvidas nos processos de comunicação, na circulação de sentidos entre a produção e o consumo, seja no caso de Cohen e os carneiros, ou no caso de Shakespeare junto aos Tiv com a mediação do livro, ou ainda no caso da cobertura massiva dos meios de comunicação sobre a indicação de Clarence Thomas para a Suprema Corte dos EUA.

De toda a forma, esse tipo de análise predominante no campo científico da Comunicação, na verdade, é fundada numa lógica utilitarista que sublinha os interesses dos emissores ou produtores de bens simbólicos, ou mesmo dos detentores dos meios de comunicação de massa, com vistas a atingir um mercado consumidor, o que por si só já faz dessa perspectiva um modelo de análise bastante limitado. Ao romper com esse modelo, de modo bastante pertinente, Hall (2006, p. 334) aponta que

A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma linear. (...) o significado não é fixo, (...) não existe uma lógica determinante global que nos permita decifrar o significado ou o sentido ideológico da mensagem contra uma grade. (...) o sentido sempre possui várias camadas, (...) ele é sempre multirreferencial.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ele considera ainda que é preciso sempre atentar para as culturas e ideologias envolvidas nos processos de comunicação e para o fato de que “o mundo real não está fora do discurso; não está fora da significação” (Hall, 2006, p. 344). Nesse sentido, Hall (2006, p. 352) nos explica que não acredita que exista “um método científico completamente objetivo” ou uma “ciência que possa dar conta do sentido”, entretanto, ele aponta que é preciso desconstruir e reconstruir os textos dentro de uma perspectiva gramsciana que se distancia do formalismo despolitizado, a fim de abrir “o texto a uma variedade de significados ou apropriações” (Hall, 2006, p. 346-347). O que é especialmente relevante para os estudos de recepção dos quais o nosso trabalho se aproxima, porque essa perspectiva nos orienta a identificar “quais leituras estão operando” em campo (Hall, 2006, p. 350). Ou seja, entendemos que o que ele propõe é que observemos como diferentes “comunidades interpretativas” (Hall, 2006, p. 356), conforme o conceito de Stanley Fish, desenvolvem os processos de significação com relação ao que consomem nos meios de comunicação de massa, considerando que elas podem atribuir significados diferentes daquele que é preponderantemente proposto a elas nesses processos.

Assim, para Hall (2006, p. 345-351), tal como compreendemos, as relações de poder não estão ausentes dos processos de comunicação porque aqueles que controlam os meios de comunicação e, em boa medida, são responsáveis pela produção e reprodução de diversos tipos de “texto”, procuram determinar a “leitura”, e é preciso atentar para isso também. E de acordo com o autor, o exercício do poder se dá não só por causa do controle dos “meios de produção”, ele pode ser percebido “dentro da própria mensagem (...): ‘leia-me desta forma’”. É o que ele chama de “leitura preferencial” do ponto de vista daqueles que querem “hegemonizar as audiências”, considerando que o “poder está dentro e fora da mensagem” e “atravessa o discurso”. Entretanto, Hall reitera que, embora a “leitura” das audiências até possa se aproximar dessa leitura preferencial, enquanto comunidades interpretativas, ao longo dos processos de significação é preciso considerar que elas podem assumir também uma postura de contestação, se opondo a essa “leitura preferencial”. E, além disso, elas podem ainda fazer outras “leituras”, porque por mais que se tente amarrar uma “mensagem” a um significado, ela não tem apenas um significado, motivo pelo qual Hall (2006, p. 350) fala em “código negociado”.

Os processos de comunicação são estabelecidos nas disputas ou compartilhamentos engendrados dentro e fora dos códigos, que são estruturas ou conjuntos de elementos e regras. Tanto os códigos quanto os sentidos são elaborados e reelaborados nas e pelas mais variadas culturas,



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

podendo variar de um contexto social ao outro, e ao longo da história, considerando o circuito da produção e do consumo, as dinâmicas da identidade e da alteridade e as relações de poder, tal como demonstramos ao analisar as pesquisas dos antropólogos Sarah Bohannan e Clifford Geertz e do teórico cultural Stuart Hall.

## Referências

- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. (orgs.). *Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BYRON, R. **Identity**. In: BARNARD, A. e SPENCER, J. (orgs.) *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. London: Routledge, 1996.
- BOHANNAN, L. **Shakespeare in the bush**. In: DUNDES, A. (org.). *Every Man his Way. Readings in Cultural Anthropology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1968.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, C. **Uma nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HALL, S. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. In: Sovik, L. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Vários autores (orgs.) *Raça e Ciência*. Volume 1, p. 231-269. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.